



Studi e Ricerche

Studi latinoamericani



Machado de Assis

A complexidade de um clássico

organizado por Sonia Netto Salomão



University Press



SAPIENZA
UNIVERSITÀ EDITRICE

Collana Studi e Ricerche 154

Studi latinoamericani

Machado de Assis

A complexidade de um clássico

organizado por Sonia Netto Salomão



SAPIENZA
UNIVERSITÀ EDITRICE

2024

Volume pubblicato con il contributo della Cattedra Vieira della Sapienza / Instituto Camões di Lisbona. (Revisione tecnica di Sonia Netto Salomão, Marcella Petriglia, Michela Graziosi, Veronica Pietronzini, Andrea Tomassoni, Greta Usai e Giada Polo)

Copyright © 2024

Sapienza Università Editrice

Piazzale Aldo Moro 5 – 00185 Roma

www.editricesapienza.it

editrice.sapienza@uniroma1.it

Iscrizione Registro Operatori Comunicazione n. 11420

Registry of Communication Workers registration n. 11420

ISBN: 978-88-9377-350-8

DOI 10.13133/9788893773508

Publicato nel mese di novembre 2024 | *Published in November 2024*



Opera distribuita con licenza Creative Commons Attribuzione – Non commerciale – Non opere derivate 3.0 Italia e diffusa in modalità open access (CC BY-NC-ND 3.0 IT)

Work published in open access form and licensed under Creative Commons Attribution – NonCommercial – NoDerivatives 3.0 Italy (CC BY-NC-ND 3.0 IT)

In copertina | *Cover image: Machado de Assis (1839-1908), Fundação Biblioteca Nacional, www.picryl.com*

Sumário

Introdução	9
ASPECTOS DA POÉTICA MACHADIANA	
1. Mad Machado: do humor à loucura <i>David Jackson</i>	21
2. Machado de Assis, teórico do romance <i>Sandra Guardini</i>	33
3. O grande salto mortal (nas asas do pequeno saldo) <i>Abel Barros Baptista</i>	45
4. Fernão Mentos? Minto: <i>O segredo do bonzo</i> e a questão do narrador sem fundamento <i>Paul Dixon</i>	57
A PERSPECTIVA DA LITERATURA COMPARADA	
5. Machado através da hermenêutica de feições e do prisma narrativo alemão <i>Elide Valarini Oliver</i>	71
6. 1 cena, 2 capítulos ou o narrador como rei: <i>Dom Casmurro</i> e <i>Conto de inverno</i> <i>João César de Castro Rocha</i>	87
7. Machado e Rosa: um olhar além de seu tempo <i>Eduardo F. Coutinho</i>	97
8. Intertexto, intermedia: Machado e a epistemologia do olhar <i>Carlos Reis</i>	107

9. <i>El punto ciego</i> de Machado de Assis <i>Giorgio de Marchis</i>	121
10. Retratos que valem por originais: intermedialidade em Machado de Assis e Almeida Garrett <i>Sara Grünhagen</i>	131
CRÔNICA, POESIA, TEATRO, CRÍTICA, CORRESPONDÊNCIA	
11. Machado de Assis cronista satírico da <i>Semana Ilustrada</i> (RJ, 1860-1876) <i>Sílvia Maria Azevedo</i>	145
12. A visão poética de Machado em <i>Chrysalidas</i> (1864), a partir da reescrita de narrativas de redenção em <i>O dilúvio</i> <i>Sarah Burnautzki</i>	157
13. O poeta na maturidade: Machado de Assis e as <i>Poesias completas</i> <i>Audrey Ludmilla do Nascimento Miasso</i>	171
14. Diálogos transatlânticos: as conexões luso-brasileiras na epistolografia machadiana <i>Marianna França Monteiro</i>	183
15. Revendo o Instinto de nacionalidade <i>José Luís Jobim</i>	193
16. Teatro e escravidão sob a ótica de Machado de Assis <i>João Roberto Faria</i>	205
TEMAS IDENTITÁRIOS: A ESCRAVIDÃO, A QUESTÃO FEMININA	
17. “De interesse geral” : a escravidão em contos e crônicas de Machado de Assis <i>Rita Olivieri-Godet</i>	219
18. <i>Cor, raça e classe no Machado de Assis (1917)</i> de Alfredo Pujol <i>Raquel Campos</i>	235
19. Sobre a tradução de ideias misóginas, os homens tolos e as mulheres de espírito na formação da literatura brasileira <i>Ana Cláudia Suriani da Silva</i>	247

A LÍNGUA LITERÁRIA DE MACHADO DE ASSIS

20. Uma poética zigue-zague: a língua literária de Machado de Assis e a sua voz popular (ditados, pregões, canções) 261
Sonia Netto Salomão
21. Entre a expressão de questões identitárias e a solicitação do leitor: exemplos dos “jogos metalinguísticos” de Machado de Assis 277
Michela Graziosi
22. Aspectos da oralidade no *Memorial de Aires* 291
Marcella Petriglia
23. “O adjetivo é a alma do idioma”. As séries adjetivais na obra de Machado de Assis: reflexões linguísticas e tradutórias 303
Simone Celani
24. Machado de Assis e o português do Brasil: (des)encontros? 319
Roberto Mulinacci

MACHADO EDITOR E EDITADO

25. Machado de Assis, editor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* 333
Lúcia Granja
26. Notas sobre a pontuação em Machado de Assis 347
Hélio de Seixas Guimarães

A TRADUÇÃO

27. Machado de Assis na Espanha: recepção e tradução 363
Antonio Maura
28. Traduções de obras de J. M. Machado de Assis em língua inglesa – vozes no itinerário internacional 373
Válmi Hatje-Faggion
29. A aventura de traduzir Machado para o italiano 385
Amina Di Munno

ESCRITORES EM INTERTEXTO : DEPOIMENTOS

30. Machado em contradança 399
Ana Maria Machado

31. Capitu, Memórias Póstumas – Bastidores do texto	405
<i>Domício Proença Filho</i>	
32. O Conselheiro Aires como homem de papel	413
<i>João Almino</i>	
Autores	419

Introdução

1. Reúnem-se neste volume trinta e dois trabalhos oriundos do Seminário Internacional *Machado de Assis, a complexidade de um clássico*, realizado na Sapienza Universidade de Roma de 19 a 21 de outubro de 2023. Presentes estudiosos de vinte e cinco universidades brasileiras, europeias (Itália, Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Alemanha) e americanas.

Aproveitando a comemoração dos cento e quinze anos do falecimento do autor (1839-1908), foi meu objetivo preencher uma grave lacuna na Itália. Embora a obra machadiana esteja bem e vastamente traduzida, faltam estudos críticos por parte dos brasilianistas italianos. E não por falta de valor e de capacidade, vista a reconhecida contribuição que a lusitanística italiana, no seu conjunto de estudos portugueses, brasileiros e afro-asiáticos, tem dado a esta área.

No volume estudiosos, escritores e tradutores tratam de temas que consagraram o autor brasileiro e que se renovam à medida que novas perspectivas críticas revelam dados ainda desconhecidos da sua vasta obra. Nestes cento e quinze anos foram várias as perspectivas que nortearam os estudos: das questões predominantemente temático-filosóficas às técnicas que, por sua vez, têm consagrado as estratégias narratológicas da sua prosa. Não menos importante, no entanto, é a sua produção poética, dramatúrgica, crítica, tradutória e epistolar. Por outro lado, Machado de Assis não se desencorajou diante dos clássicos que o antecederam. A sua obra é exemplo de um percurso de construção e desconstrução, rumo a perspectivas que se desdobram em novos trabalhos.

Seminário e volume tiveram como objetivo principal valorizar a inserção internacional do escritor carioca a partir da complexidade

dos aspectos técnico-estruturais da sua obra e da relação crítica que o autor desenvolveu com diversas esferas culturais, levando para a sua vasta produção questões relativas ao âmbito científico e histórico-social que fazem dele uma espécie de historiador das mentalidades. Os temas identitários que têm mobilizado os estudos teóricos neste início do século, da escravidão às questões de gênero, também encontram espaço nos estudos. Apesar de nossos esforços, faltaram trabalhos de dimensão mais filosófica, o que, de qualquer modo, não deixa de ser um dado significativo no balanço final.

Os estudos foram divididos por blocos temáticos, embora muitos deles pertençam a mais de uma área de interesse: é o caso específico dos estudos de José Luís Jobim (Literatura Comparada), Ana Cláudia Suriani da Silva e Simone Celani (Tradução), Hélio de Seixas Guimarães (Língua), Sonia Netto Salomão e Giorgio de Marchis (Poética) e João Roberto Faria (História, Escravidão).

Como leitor “ruminante” que Machado efetivamente foi, por outro lado, ele apresenta ao seu público um desafio, ao mesmo tempo lúdico e gnoseológico, que tem proporcionado à crítica uma vasta possibilidade de abordagens. Na complexidade que caracteriza este clássico é importante considerar também a questão da sua língua literária e demais pontos relativos ao tempo, à memória e à ironia, filigranas constantes da sua tessitura. Enfim, os trabalhos foram discutidos e reelaborados pelos autores e delineiam temas específicos em torno da obra do mestre.

2. Um primeiro bloco dedica-se ao estudo da poética machadiana. David Jackson, no seu *Mad Machado: do humor à loucura*, considera o papel de realidades anormais na ficção machadiana, indo, segundo o autor, “para além dos conceitos de realismo mágico e cômico-fantástico”, confirmando a manipulação sutil de casos de delírio, alucinação, sonho e loucura.

Em *Machado de Assis, teórico do romance*, Sandra Guardini, examinando as menções de Machado às obras literárias, ao ato da leitura e às referências dos narradores à materialidade do livro e da escrita, explica como as suas advertências ou prólogos vão pondo em questão, de 1872 a 1908 uma verdadeira súmula do gênero com paradigmas narrativos que vão do “romance de ‘caracteres’ ao romance autorreflexivo e ao romance em crise”.

O ensaio de Abel Barros Baptista considera a última frase de *Memórias póstumas de Brás Cubas* a partir da relação entre filhos e legado

e, neste sentido, confronta o projeto do pai de Brás Cubas para a grandeza da família com o desejo de paternidade pelo qual passou o filho. O grande salto mortal seria o movimento para o livro de memórias e a especificidade do seu encerramento na famosa frase: "... não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria".

Outro trabalho dedicado à poética de Machado de Assis e aos seus narradores é o de Paul Dixon, no seu *Fernão Mentos? Minto: "O segredo do bonzo" e a questão do narrador sem fundamento*. Segundo o autor o conto "O segredo do bonzo" demonstra a fascinação de Machado de Assis pelas vozes problemáticas. Ao pôr em prática a doutrina do ilustre bonzo Pomada, de que persuadir em vez de dizer a verdade é o que conta, os três personagens principais são óbvios mentirosos.

Sem sair das questões teóricas relativas à poética machadiana, passamos a uma perspectiva de literatura comparada. Em *Machado através da hermenêutica de feições e do prisma narrativo alemão*, Elide Valarini Oliver retoma um tema sobre o qual tem trabalhado: a hermenêutica da fisionomia comparada às afinidades eletivas de Machado de Assis, com as *Afinidades eletivas* de Goethe e as de E.T.A. Hoffmann (*Der Doppeltgänger*). Até que ponto a trágica fisionomia de Ezequiel pode ser comparada com a semelhança do filho de Eduard e Charlotte nas *Afinidades eletivas*? Como sabem os três escritores o fantástico tem sempre alguma coisa a ensinar ou a temperar na prosa realista, lembra a estudiosa.

Em *Machado e Rosa: um olhar além de seu tempo*, Eduardo F. Coutinho trabalha com as duas figuras que, além de expoentes da literatura de seu país, erigem-se como precursores de questões fundamentais que sucedem a sua produção. Machado, ao desafiar a autoridade de qualquer discurso de certezas, instituindo-se neste sentido como um possível autor do século XX. Guimarães Rosa, por sua vez, ao pôr em xeque nas suas narrativas o esquema dicotômico tradicional da lógica binária cartesiana.

Em *1 cena, 2 capítulos ou o narrador como rei: Dom Casmurro e Conto de inverno*, João César de Castro Rocha apresenta uma comparação entre Machado de Assis e William Shakespeare na obra *Dom Casmurro*, desta vez partindo da forma de narrar de Shakespeare, em *Conto de inverno*, e da sua possível influência sobre o narrador e protagonista Bento Santiago.

Segundo Carlos Reis em *Intertexto, intermedia: Machado e a epistemologia do olhar*, os estudos narrativos, tal como foram constituídos a

partir do final do século XX, propuseram abordagens com base em dois princípios epistemológicos: a interdisciplinaridade e a transnarratividade. A chamada “epistemologia do olhar” relaciona-se com os grandes romances machadianos como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*. A sua reflexão motivou aproximações a casos semelhantes e coevos como em *Eça de Queirós*.

Giorgio de Marchis, no ensaio *El punto ciego de Machado de Assis*, busca interpretar o *Memorial de Aires* à luz da teoria do ponto cego proposta pelo escritor espanhol Javier Cercas nas “Weidenfeld Lectures” de 2005. Neste sentido, parte da tradição narrativa que Milan Kundera inscreveu no “legado denegrido de Cervantes”, defendido principalmente por Carlos Fuentes.

Finalmente, em *Retratos que valem por originais: intermedialidade em Machado de Assis e Almeida Garrett*, Sara Grünhagen, como indica o título, buscou aprofundar o debate sobre as relações que se estabelecem entre os dois autores. Garrett e Machado também tinham um amor assumido pelas chamadas belas-artes, em especial a pintura, tendo ambos partilhado referências e estratégias intermediáticas na sua escrita.

Num terceiro bloco de interesse estão os trabalhos que abordaram aspectos menos estudados da obra machadiana. José Luís Jobim, em *Reverendo o instinto de nacionalidade*, lembra ser recente a inclusão do ensaio machadiano na World Literature, inclusive com a sua publicação no *Journal of World Literature*. Neste estudo o autor retoma alguns aspectos do *Instinto* que dialogam com a sua época, buscando trazer à baila outros relativos à sua ressignificação na contemporaneidade.

Sílvia Maria Azevedo, por sua vez, em *Machado de Assis cronista satírico da Semana Ilustrada (RJ, 1860-1876)*, comenta aspectos relativos às *Badaladas do Dr. Semana*, crônicas publicadas na *Semana Ilustrada*, entre 1869 e 1876. Nelas o autor carioca promovia crítica bem-humorada a temas variados, como política e poesia, oratória parlamentar, namoro pela imprensa e “crítica às avessas, um novo gênero de crítica literária”. As crônicas da *Semana Ilustrada* coincidem com os anos de formação do escritor.

A Sarah Burnautzki devemos um tema urgente na crítica literária machadiana, considerando que a poesia ainda é muito pouco abordada pela crítica. Em *A visão poética de Machado em Chrysalidas (1864)*, a partir da reescrita de narrativas de redenção em *O dilúvio*, são comparados o conto “Na arca. Três capítulos (inéditos) do Gênesis” (1878), através de um diálogo intertextual em que a autora confrontou a ideia do dilú-

vio tanto no poema publicado em *Chrysalidas* quanto na prosa. Conclui a autora que tanto na poesia como na prosa expressa-se a posição machadiana a respeito das mudanças do seu tempo. Outra contribuição no âmbito da poesia machadiana deve-se à jovem estudiosa Audrey Ludmilla do Nascimento Miasso que analisa a elaboração das *Poesias completas*, quarto livro organizado por Machado de Assis, o qual se apresenta como um seu legado. Já Mariana França Monteiro apresenta a concepção geral da sua pesquisa de doutoramento, quanto ao estudo da epistolografia de Machado de Assis (1860 a 1908) com artistas portugueses a partir do cruzamento de fontes documentais históricas com as lentes dos estudos literários, culturais e sociológicos. Abordar questões como a construção do eu machadiano na narrativa epistolar, as dinâmicas sociais do mundo artístico e as particularidades dos relatos da vida social (evolução histórica e do cotidiano) num momento de “cancelação” da presença portuguesa no século XIX brasileiro é o objetivo principal do projeto.

Outro tema pouco estudado no âmbito da crítica, mas ao qual João Roberto Faria dedicou muitos estudos, é o teatro machadiano. Neste trabalho, *Teatro e escravidão sob a ótica de Machado de Assis*, o autor estuda a posição do jovem Machado que escreveu para *O Espelho* e depois para o *Diário do Rio de Janeiro*, comentando peças realizadas depois de 1850, quando os efeitos da interrupção do tráfico de africanos em 1850 começam a se fazer sentir. É claro o apoio do jovem Machado ao repertório dramático empenhado em fazer a crítica da escravidão.

Outro bloco temático diz respeito às preocupações identitárias dos últimos anos não só no Brasil como a nível internacional. Além do trabalho de João Roberto Faria, Rita Olivieri-Godet em “*De interesse geral*”: *a escravidão em contos e crônicas de Machado de Assis*, propõe uma reflexão sobre a representação da escravidão na obra do nosso autor, em diálogo com a crítica. O *corpus* privilegiado é formado por crônicas pouco estudadas e contos mais conhecidos como “Pai contra mãe”. Os diversos processos de significação que embasam a representação da escravidão são também revistos quanto a outros autores afrodescendentes.

Raquel Campos em *Cor, raça e classe no Machado de Assis (1917)*, de Alfredo Pujol discute a abordagem da cor, da identidade racial e da origem social de Machado de Assis no curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo (1917), primeira biografia do escritor de autoria de Alfredo Pujol. Na obra Pujol enfatizou a origem social humilde de seu biografado, em detrimento das referências

à cor, perspectiva compartilhada pelos homens de letras e escritores próximos de Machado de Assis, em particular José Veríssimo.

Ana Cláudia Suriani da Silva, no estudo *Sobre a tradução de ideias misóginas, os homens tolos e as mulheres de espírito na formação da literatura brasileira*, apresenta a tradução do ensaio satírico *De l'amour des femmes pour les sots*, de Victor Hénau, no âmbito do transplante efetuado pela tradução de toda uma tradição de textos europeus sobre a excelência de um sexo sobre o outro e sobre os meios utilizados pelos homens para agradar as mulheres e vice-versa. A errônea atribuição de *Queda que as mulheres têm para os tolos* (1861) a Machado de Assis exemplifica, na sua opinião, a naturalização de ideias misóginas na literatura brasileira no momento crucial da sua formação.

O quinto bloco trata de questão praticamente ausente na crítica machadiana dos últimos cinquenta anos: a sua língua literária. Desde que tive a oportunidade e o dever de fundar na Sapienza a primeira Cátedra de língua e tradução portuguesa e brasileira, primeira também na Itália, iniciei a orientar teses de língua e de tradução sobre a obra machadiana, publicando ensaios específicos e orientando a tradução do *Quincas Borba* (2009, por Elena Tantillo). Nesta seção, publicam-se quatro trabalhos oriundos da Sapienza, considerando-se o meu próprio texto, *Uma poética zigue-zague: a língua literária de Machado de Assis e a sua voz popular (ditados, pregões, canções)*. No estudo considera-se um aspecto sistêmico da língua literária machadiana: os idiomatismos ao lado da frase sentenciosa. Simultaneamente propõe-se como questão teórica global, a *poética zigue-zague*, desenvolvida no estudo em relação ao contraponto da voz popular com a polifonia discursiva dos textos machadianos. Defende-se que esta voz tem uma função específica e estratégica na obra do autor carioca e caracteriza um sistema. Este sistema é não apenas sintático-morfológico como também retórico e performativo e se apresenta como contraponto crítico.

Marcella Petriglia, em *Aspetos da oralidade em Machado de Assis*, estuda a oralidade – entendida como representação da fala – no último romance de Machado de Assis, *Memorial de Aires* (1908). Foram focalizados os registros coloquiais, como também a pontuação utilizada pelo autor. Veremos, inclusive, como a produção de sons (tratando-se de música, fala, etc.) está relacionada com a vitalidade das personagens e como, justamente a partir da análise da oralidade, é possível abordar o tema do *Memorial* como *bluff*.

Michela Graziosi em *Entre a expressão de questões identitárias e a solicitação do leitor*, propõe-se, segundo palavras suas, partir “da detalhada análise dos ‘jogos metalinguísticos’ proposta por Sonia Netto Salomão em *Machado de Assis e o cânone ocidental: itinerários de leitura*, nos textos de análise introspectiva como ‘O espelho’ e ‘O enfermeiro’, avaliando os principais recursos estilísticos empregados para examinar as ambiguidades da alma humana, como a ironia, a paródia, as citações intertextuais, utilizados pelo autor-narrador com a finalidade de estimular a curiosidade e a atenção do leitor, solicitando a sua cumplicidade”.

Simone Celani, em “*O adjetivo é a alma do idioma*”. *As séries adjetivais na obra de Machado de Assis: reflexões linguísticas e tradutórias*, sugere que, na aproximação progressiva criada pelas séries de adjetivos, é comum encontrar um curto-circuito semântico de grande interesse no qual, a cada adição, uma nova nuance é inserida, reforçando, corrigindo ou especificando o significado do primeiro adjetivo. O estudo também considera as escolhas feitas pelos tradutores, não só italianos.

Roberto Mulinacci, em *Machado de Assis e o português do Brasil: (des)encontros?* busca mostrar como Machado de Assis seja um escritor muito mais comprometido do que parece não só com a sociedade de seu tempo, como também com a língua de seu país, cuja trajetória histórico-cultural, de fato, se reflete bastante na sua escrita, quer ensaística, quer literária.

Os aspectos da edição da obra de Machado de Assis são considerados por Lúcia Granja em *Machado de Assis, editor de Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Segundo a estudiosa, o escritor assumiu os papéis de “publisher” e de “editor” de seu romance maior, como vinha fazendo progressivamente com outros escritos nos anos 1870. As estratégias de produção, impressão e circulação do romance, fora a venda e a distribuição dos exemplares da obra, ficaram a cargo de Machado de Assis, como revela o trabalho. Paralelamente é valorizada a inserção internacional do escritor carioca, a partir da complexidade dos aspectos técnico-estruturais da sua obra e da relação crítica que o autor desenvolveu com diversos âmbitos da cultura.

O estudo de Hélio de Seixas Guimarães, baseado na sua recente experiência como editor da obra machadiana, apresenta *Notas sobre a pontuação em Machado de Assis*, chamando a atenção para a divergência do que está prescrito pela gramática normativa atual, o que coloca o editor do seu texto diante de decisões difíceis, por se tratar de um autor muito presente no cânone escolar, cuja escrita nem sempre está em acordo com o que a gramática tradicional prescreve.

Outro tema de muito interesse para a internacionalização machadiana e não só é a tradução. Antonio Maura em *Machado de Assis nos países de língua espanhola: recepção e traduções* afirma que, embora as primeiras traduções da obra de Machado de Assis na Argentina tenham se realizado quando o autor estava vivo, a primeira seleção e versão de contos machadianos para o espanhol peninsular só foi publicada em 1920. Daí adiante a divulgação da obra do grande escritor brasileiro tem sido incompleta e descontínua, apesar de ter sido defendida com firmeza por grandes vozes da literatura em língua espanhola. Seu trabalho descreve os episódios mais importantes da trajetória da obra de Machado no panorama da língua espanhola em ambos os continentes.

Válmi Hatje-Faggion, em *Traduções de obras de J. M. Machado de Assis em língua inglesa – vozes no itinerário internacional*, estuda a história da tradução dos nove romances de Machado de Assis em língua inglesa (1921-2023). Apresenta uma lista completa das traduções, realizando um conjunto de análises que contextualizam as peculiaridades das inúmeras traduções realizadas nas últimas décadas. O número de tradutores, seu gênero, o diapasão temporal das traduções, as estratégias editoriais; em suma, uma gama ampla de dados é amalhada neste texto.

Amina Di Munno, uma das mais profícuas tradutoras de Machado de Assis para o italiano, no seu estudo, *A aventura de traduzir Machado para o italiano*, preferiu comentar os processos da escrita machadiana como forma de «manter quanto mais próximo possível o processo de tradução de seus principais contos para o italiano», tratando, também, do espaço cultural que influenciou Machado de Assis na construção da sua extensa obra, principalmente no que se refere à composição dos contos e, especificamente, àqueles por ela traduzidos para o italiano.

Uma última sessão foi dedicada aos escritores contemporâneos que escreveram romances em diálogo com a obra de Machado de Assis. É o caso de Ana Maria Machado que, em *Machado em contradição*, revela a ideia original do seu romance, *A audácia dessa mulher*, e o processo de escrita do seu romance, enquanto paralelamente o situa em relação ao conjunto de romances que então constituíam sua obra ficcional anterior. Ao focalizar esse texto específico, a autora também examina memórias de suas experiências pessoais de leitura e as raízes intertextuais em sua obra em geral.

Domício Proença Filho em *Capitu, Memórias Póstumas – Bastidores do texto*, considera a permanência e atualidade de Machado de Assis na emergência do diálogo intertextual assumido no seu romance. Nos

bastidores das memórias póstumas de Capitu configura-se um interessante depoimento sobre a gênese e o fundamento do romance, assinalando-se as oscilações no percurso criativo. O autor enfrenta, principalmente, as semelhanças e dessemelhanças entre os dois textos e a questão da “titularidade do autor”.

Finalmente, João Almino em *O Conselheiro Aires como Homem de Papel* trata de seu oitavo romance, *Homem de Papel*, narrado pelo Conselheiro Aires ou pelo livro em que ele se encontra. O autor traz Aires, com sua memória, personalidade, intenções e algum elemento biográfico novo, para outras épocas. O Conselheiro se confronta com a realidade contemporânea de uma regressão político-social generalizada.

3. Uma nota editorial devida diz respeito à homogeneização necessária da entrada do nome do nosso autor. Seguiu-se o padrão italiano de entrada pelo último sobrenome, assim como se buscou uma padronização que respeitasse o nome literário que o próprio autor consagrou ao publicar em vida o nome “Machado de Assis” nas capas dos volumes. Era esse o nome que colocava, também, nos seus bilhetes de visita, na parte final da sua vida. A Academia Brasileira de Letras também cataloga as obras do autor de acordo com este critério, segundo pude constatar. A Comissão Machado de Assis também distingue entre nome literário e biográfico. Em alguns casos, no entanto, é necessário respeitar as edições, do ponto de vista histórico. Embora se respeite o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, houve flexibilidade quanto ao uso das variantes, principalmente em contexto estrangeiro em que os autores podem se valer de tradutores de variantes diversas. Procuramos atender, também, a qualquer idiosincrasia autoral, devidamente indicada.

4. Finalmente, gostaria de agradecer ao Instituto Camões pelo apoio financeiro, à equipe da Comissão Organizadora, formada pelo colega Simone Celani e pelas pesquisadoras Michela Graziosi e Marcella Petriglia pela imprescindível colaboração em todas as fases da Organização, sem a qual o Seminário que deu origem a este volume não teria sido possível. Agradeço, igualmente, à Comissão Científica formada pelos colegas David Jackson, José Luís Jobim, João César de Castro Rocha e Hélio de Seixas Guimarães, com os quais partilhei dúvidas e certezas, em clima de total colaboração. Agradeço ainda a todos os participantes que aceitaram o convite e que vieram a Roma com contribuição institucional própria para compartilhar e debater as suas

pesquisas. Finalmente, um agradecimento especial também às nossas leitoras, Patrícia Ferreira, Cecília Santanché, Cláudia Silva, Andreia Scapin e aos doutorandos e doutorandas Veronica Pietronzini, Andrea Tomassoni, Greta Usai e Giada Polo na assistência técnica. Muito obrigada a todos pelo entusiasmo da participação e pelo empenho.

21. Entre a expressão de questões identitárias e a solicitação do leitor: exemplos dos “jogos metalinguísticos” de Machado de Assis

Michela Graziosi, Sapienza Universidade de Roma

Os “jogos metalinguísticos” de Machado de Assis: uma introdução

O tema da identidade, juntamente com a representação pessimista e desiludida das contradições humanas, constituem algumas entre as principais características dos contos machadianos, particularmente visíveis a partir da publicação da coletânea *Papéis Avulsos*¹. De maneira desassombrada e impiedosa Machado descreve os “valores” duma sociedade em que parece mais importante e lucrativo viver cuidando da própria aparência, na base das convenções sociais. Tendo assumido como ponto de partida a amostra dos principais recursos da língua literária do autor apresentada por Sonia Netto Salomão (os chamados “jogos metalinguísticos” do título do parágrafo 3 do capítulo 2 “Machado lúdico: os percursos da ironia” do livro *Machado de Assis e o cânone ocidental: itinerários de leitura*), analisaremos dois contos, “O Enfermeiro” e “O Espelho”, que apresentam protagonistas ligados por uma espécie de loucura individual, cujas histórias revelam um processo de adaptação às leis da sociedade, entre as quais domina a aparência.

¹ Como se sabe, de acordo com Gledson *Papéis Avulsos* (1882) inaugura a fase madura do autor no gênero (2011, p. 7). Embora hoje em dia, por um lado, a divisão em fases da obra de Machado não seja mais considerada apropriada, sendo evidente como os seus primeiros romances e contos já apresentam características que viriam a ser desenvolvidas durante a sua maturidade, pelo outro é também claro que a partir de 1880 a ficção do autor se torna mais complexa relativamente aos temas e ao estilo. Cfr. Senna e Nascimento de Souza 2012, s. p., disponível em <<http://machadodeassis.net>>, site do projeto “Referências na ficção machadiana”, coordenado pela Professora Marta de Senna (acesso em setembro de 2023).

A língua literária do autor, que se modifica no tempo através da prática de leitura e de escritura nos mais variados gêneros², manifesta-se na enunciação como um sistema de linguagem – que por sua vez se articula com o universo literário mais amplo do cânone brasileiro e ocidental, num determinado contexto histórico-cultural – e portanto deve ser compreendida como parte do projeto estético e ideológico global da sua obra³. Os chamados “jogos metalinguísticos” que conotam a riqueza e o dinamismo da língua literária do escritor são todos mecanismos deste projeto, que traz esta língua para novos espaços do discurso caracterizados por novos interlocutores (percorrendo também o espaço linguístico das camadas populares) e recupera ao mesmo tempo outras tradições (a bíblica, a grego-latina, a ocidental).

Miguel Reale define Machado um observador imparcial que se coloca “além da vida”, examinando o mundo absurdo ao seu redor por meio de todas as gamas da ironia⁴. Não cabe nesta ocasião percorrer toda a história do conceito da ironia, temática devidamente aprofundada no cap. 2, par. 1 “Ironia, jogo e dialética na narrativa machadiana” por Sonia Netto Salomão. Sublinhamos apenas que a ironia deve ser entendida antes de mais como um procedimento estruturante dos textos machadianos através do qual se revela a postura ético-filosófica do escritor, empenhado numa busca constante de uma teoria sobre o homem⁵. Em particular, através da ironia são representados os efeitos das mudanças de um País numa fase de transição, sintetizados na mentalidade arrivista dos novos ricos. Aliás, o autor chama em causa frequentemente o leitor, solicitando a participação deste na leitura através da interpretação do texto. De facto, a ironia – que na perspetiva socrática, colocada na base da machadiana, junta o sentido de “enganho” ao de “indagação”⁶ – constitui-se como um verdadeiro jogo pedagógico-literário, prevendo a afirmação do contrário do que se acredita e quer dizer. O leitor machadiano, então, é envolvido ao mesmo tempo numa experiência lúdica e de conhecimento, competindo-lhe desmascarar a verdade aparente expressa pela linguagem.

² O próprio escritor afirma que “as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades de usos e costumes” (*Obras Completas*, III, apud Salomão 2019, p. 186).

³ Salomão 2019, p. 185.

⁴ Reale 1982, p. 18.

⁵ *Ibid.*, p. 9; Salomão 2019, pp. 154-157.

⁶ Salomão 2019, p. 152.

“O Espelho”

De acordo com o subtítulo do conto (“Esboço de uma nova teoria da alma humana”), “O Espelho” bem exemplifica a centralidade do homem na obra machadiana, aprofundando o problema da identidade do ponto de vista da consciência do sujeito e da percepção dos outros. A sua narrativa é construída através do cruzamento de discursos: o inicial, breve, do narrador onisciente, que deixa rapidamente a Jacobina a função de narrador principal; os dos seus interlocutores, os cavalheiros da tertúlia filosófica, que interagem com perguntas breves e observações, determinando pausas, suspense e dinamismo na leitura; os indiretos dos outros personagens do relato de Jacobina (a tia Marcolina e os escravos). Em particular, o autor critica os intelectuais que não querem debater assuntos, limitando-se apenas a expor as suas opiniões. Nessa perspetiva, é significativo o nome “Jacobina”, que vem do tupi, designando um terreno impróprio para a lavoura, revestido de mato baixo, comumente cerrado e espinhoso⁷. Não por acaso, o protagonista não participa da discussão, só toma a palavra para contar um episódio de juventude que possa sustentar a sua ideia extravagante da dupla natureza da alma humana.

As breves intervenções dos cavalheiros ao longo do conto, que comunicam rapidamente sinais de dúvidas e curiosidade, constituem marcas da chamada “polêmica escondida” mencionada por Sonia Netto Salomão⁸, com referência a *Estética da criação verbal* de Bakhtin. Típica da narrativa na primeira pessoa de tipo confessional, a polêmica escondida faz com que a palavra literária reflita possíveis juízos e objeções dos ouvintes/destinatários: trata-se, de facto, de uma construção paródica, ironicamente oblíqua, em que a palavra do outro é apenas subentendida. Vejamos apenas dois dos vários exemplos em que as intervenções dos interlocutores de Jacobina, através da retomada de palavras e conceitos proferidos por ele próprio, questionam provocadoramente as afirmações dele:

Jacobina: – [...] Em primeiro lugar, não há uma só alma, há *duas*⁹...

Os cavalheiros: – *Duas?*

Jacobina: – Nada meno de duas almas...¹⁰ [...]

⁷ Aurélio 1995, p. 979; Guérios 1973, p. 173.

⁸ Salomão 2019, p. 157.

⁹ Daqui em diante, o itálico nos exemplos é o nosso.

¹⁰ Assis 1994, p. 346.

Jacobina: – [...] Agora, é preciso saber que a alma exterior *não é* sempre a mesma...

Os cavalheiros: – *Não?*

Jacobina: – Não, senhor; muda de natureza e de estado¹¹. [...]

A mentalidade arrivista da sociedade burguesa, que valoriza as convenções sociais e destaca os aspetos exteriores da aparência, além da transformação final de Jacobina que acaba por identificar-se completamente com a farda, é representada também nos discursos indiretos da tia Marcolina e dos escravos. A tia Marcolina, viúva, deseja que o sobrinho venha visitá-la, pedindo que leve a farda e dirigindo-lhe contínuos elogios e gestos piegas, quase ridículos: o interesse excessivo da tia pelo sobrinho está relacionado unicamente com o prestígio do novo papel social adquirido pelo jovem. Vejamos nos exemplos a seguir os sinais de uma obsessão que redundava num ciúme quase incestuoso, definindo uma situação amplamente humorística:

[...] E [a tia Marcolina] abraçava-me! *Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joaozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o “senhor alferes”¹².*

Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. *Adeus, sobrinho! Adeus, alferes!* Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio¹³.

Como podemos observar, tal como a ironia, o humor configura-se como técnica narrativa e procedimento estruturante dos textos amplamente utilizado por Machado, aproximando-se muitas vezes do conceito do chamado “sentimento do contrário”¹⁴ desenvolvido por Luigi Pirandello. De acordo com o escritor italiano, o riso e a percepção do cômico

¹¹ Ibid.

¹² Assis 1994, p. 347.

¹³ Assis 1994, p. 348.

¹⁴ Pirandello 2001, p. 173.

(a observação de um fato incomum que faz rir, isto é, “a advertência do contrário”) são acompanhados por uma atitude reflexiva (o “sentimento do contrário”) que em seguida atenua o riso, através do questionamento sobre as condições que levam o sujeito àquela situação anômala que desperta o riso¹⁵. O humorismo, então, é uma reflexão íntima e mais aprofundada sobre o fato cômico. Duma certa forma a tia Marcolina, com as suas maneiras incomuns, é vítima de um padrão de comportamento tão interiorizado e difundido numa sociedade que avalia as pessoas de acordo com o status social que as caracteriza.

Os escravos seguem o caminho do louvor da tia Marcolina, em particular no momento da partida repentina dela, antes de porem em prática a fuga. Claramente o objetivo dos elogios é o de cair nas boas graças do hóspede e confundi-lo: não por acaso, ele próprio afirma ter ficado “extático” por causa do “concerto de louvores e profecias” deles¹⁶. No trecho a seguir observamos, numa sintaxe breve e extremamente simples, o uso da forma de tratamento de senhor “Nhô” (em vez de “Senhor”) e a falta do artigo antes do substantivo “moça”, elementos que caracterizam a fala dos escravos, distinguindo-a da fala da tia Marcolina: “Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes de minuto a minuto. *Nhô alferes* é muito bonito; *nhô alferes* há de ser coronel; *nhô alferes* há de casar com moça bonita, filha de general”¹⁷. Neste sentido torna-se significativa a síntese dos registos das várias camadas sociais (especialmente nas partes dialógicas de romances e contos, como salienta Sonia Netto Salomão¹⁸) que Machado realiza na sua língua literária, antecipando o trabalho dos modernistas de '22.

“O Enfermeiro”

“O Enfermeiro” configura-se como uma narrativa dentro de outra. Procópio, o narrador-protagonista, escreve para um interlocutor intratextual situado dentro do conto, comunicando o propósito de relatar a sua história num livro. Há também um outro interlocutor extratextual: o leitor. Toda a narrativa confessional do conto é caracterizada pelo tom

¹⁵ Pirandello 2001, pp. 173-174.

¹⁶ Assis 1994, p. 349.

¹⁷ Assis 1994, pp. 348-349.

¹⁸ Salomão 2019, pp. 191-195.

irônico do narrador-personagem que de frequente envolve o interlocutor imaginário-leitor, tentando atrair a cumplicidade dele e manipulando-o para justificar o seu crime, resgatar a sua culpa e ser reconhecido como inocente também aos olhos dele¹⁹. Como já antecipado, o leitor é parte integrante do texto e dos seus significados: cabe a ele completar as lacunas dos fatos narrados, guiado pelo narrador. A ironia, então, configura-se como “intenção inserida no projeto comunicativo do emitente como processo duplo a ser reconstruído pelo receptor, sugestão essa que nos aproxima das categorias desenvolvidas por Umberto Eco no que se refere aos conceitos de *autor* e *leitor modelo*”²⁰. Aliás, através da ironia e dos subentendidos da linguagem, o leitor adquire conhecimentos que vão além do nível objetivo da história: o narrador, portanto, estabelece com o leitor “um jogo de cumplicidade e paradoxal distanciamento, fazendo-o participar da narrativa com os demais personagens, mas alertando-o sempre para o fato de que está lendo”²¹.

Em geral, neste conto são várias as tentativas de envolver e agradar o leitor por parte do narrador-protagonista, como testemunha o emprego das formas verbais que frequentemente o chamam diretamente em causa. O narrador começa por relatar os dias passados com o coronel através do uso da metáfora “[...] vivemos uma lua de mel de sete dias”; antes de expor os piores insultos dele (“[...] era burro, camelo, pedaço d’asno, idiota, moleirão, era tudo²²), aliás, afirma que “eram assim as pazes, *imagine* a guerra”²³. E ainda: “*Vai ver* o que aconteceu”²⁴; “Os gritos da vítima, antes da luta e durante a luta, continuavam a repercutir dentro de mim, e o ar, para onde quer que me voltasse, aparecia

¹⁹ Procópio, homem pobre, muda-se do Rio de Janeiro para uma cidade do interior, tornando-se o enfermeiro de Felisberto – um rico coronel, cruel e violento – à beira da morte. Uma noite Felisberto bate uma moringa na face esquerda de Procópio, que reage, acabando por matá-lo acidentalmente. A partir desse momento o autor confere ao protagonista-narrador uma notável profundidade psicológica, representando os conflitos que surgem na cabeça dele, partindo da crise de consciência e focalizando-se em particular no sentimento de remorso que, todavia, é mais medo de ser descoberto. Quando Procópio descobre que foi nomeado o herdeiro universal do coronel, inicialmente quer doar todos os bens, para resgatar a culpa. Em seguida acaba por encontrar as razões que possam justificar o assassinato, chegando até mesmo a amenizar a culpa.

²⁰ Salomão 2012, p. 42.

²¹ Salomão 2012, p. 41.

²² Ibid.

²³ Assis, 1994, p. 530.

²⁴ Assis, 1994, p. 531.

recortado de convulsões. *Não creia* que esteja fazendo imagens nem estilo; *digo-lhe* que eu ouvia distintamente umas vozes que me bradavam: assassino! assassino!”²⁵. Em particular, por meio deste último exemplo já é possível ver como o uso do tom irônico, quando empregado no processo de envolvimento do leitor, é sugerido de modo sutil por meio da alteração da realidade veiculada pela linguagem.

Entre as primeiras tentativas de resgatar a sua culpa, após o assassinato do coronel, Procópio afirma ter mandado dizer uma missa embora não fosse religioso, acrescentando esse detalhe a mais que, ao seu ver, poderia despertar o interesse do leitor (deliberadamente explicitado); trata-se, na verdade, de uma das várias tentativas de manipulação do leitor para restabelecer a sua imagem: “Outro fenômeno interessante, e que *talvez lhe possa aproveitar*, é que não sendo religioso, mandei dizer uma missa pelo eterno descanso do coronel, na igreja do Sacramento”²⁶. Quando recebe a herança, Procópio oferece ao leitor uma imagem de si maravilhado e perturbado ao mesmo tempo: “*Imagine* o meu pasmo. Pareceu-me que lia mal [...]. Estava escrito; era eu o herdeiro universal do coronel. Cheguei a supor que fosse uma cilada; mas adverti logo que havia outros meios de capturar-me, se o crime estivesse descoberto”²⁷. Avaliando a possibilidade inicial de recusar a herança para “resgatar o crime por um ato de virtude”²⁸, Procópio tenta convencer o leitor do que o assassinato aconteceu por defesa, como uma fatalidade irreversível. Mais uma vez, uma negação da realidade através da dissimulação operada pela linguagem: “*Crime ou luta? Realmente, foi uma luta, em que eu, atacado, defendi-me, e na defesa... Foi uma luta desgraçada, uma fatalidade*. Fixei-me nessa ideia. E balanceava os agravos, punha no ativo as pancadas, as injúrias...”²⁹. No final da narrativa esta dissimulação atinge o nível máximo. Se antes a descrição que Procópio fazia do coronel aos outros era atenuada (“[...] confessava, sim, que era um pouco violento”³⁰), agora ele “involuntariamente” exagera nos detalhes, certo da ausência da sua culpa: “[...] a verdade é

²⁵ Assis, 1994, p. 532.

²⁶ Assis, 1994, p. 533.

²⁷ Ibid.

²⁸ Ibid.

²⁹ Assis 1994, p. 534.

³⁰ Ibid.

que ele devia morrer, ainda que não fosse aquela fatalidade...³¹. Portanto, o tom irônico que caracteriza a narrativa do conto vislumbra-se também nos esforços de Procópio que tenta influenciar a opinião do seu interlocutor imaginário-leitor. Aliás, por meio da representação da ambiguidade dos comportamentos do narrador-personagem juntamente com a alteração da realidade que expressa através da linguagem, o autor fornece pistas sobre a maneira como ele próprio critica a sociedade, revelando as contradições e as hipocrisias.

Finalmente, uma forma de ironia entrevê-se também no nome do coronel, Felisberto³², composto pelo adjetivo “feliz” e um elemento que pode ser associado ao substantivo “bertoldice”, ou seja, “asneira, parvoíce, besteira”³³: trata-se de um homem terrível, que não tem nada de feliz, além do início do nome, provocatoriamente; não por acaso, ele é apresentado como quem “gastava mais enfermeiros que remédios”³⁴. A mesma coisa acontece inclusive com o nome do protagonista-narrador, Procópio, que remete para o verbo “copiar”. Ele próprio, no início da narração, explica que tipo de “teólogo” era, afirmando: “fiz-me teólogo – quero dizer, copiava os estudos de teologia de um padre de Niterói, antigo companheiro de colégio, que assim me dava, delicadamente, casa, cama e mesa”³⁵.

A ironia como estratégia interdiscursiva

Nas suas várias formas, a ironia pode-se manifestar também como estratégia interdiscursiva, por meio das repetições e das citações³⁶. Trata-se de um processo estrutural que, mais uma vez, remete o leitor para dentro e fora do texto, exigindo dele um amplo repertório cultural. De acordo com o conhecimento das leituras acumuladas ao longo da experiência pessoal, o leitor precisa de reconhecer as relações entre as obras para que a leitura e a compreensão do autor não sejam invalidadas. Como é sabido, Júlia Kristeva (1979) retoma a ideia de dialogismo de Bakhtin e introduz o conceito de “intertextualidade”: “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transforma-

³¹ Assis 1994, p. 535.

³² Assis 1994, p. 529.

³³ Houaiss 2011, p. 438.

³⁴ Ibid.

³⁵ Ibid.

³⁶ Salomão 2019, pp. 204-213.

ção de um outro texto”³⁷. Os textos literários, então, são constituídos por um diálogo de escritas diferentes: do escritor, do destinatário, do contexto cultural atual ou anterior³⁸. No âmbito do procedimento da reformulação da palavra do outro, inicialmente Fiorin identifica dois processos distintos: a intertextualidade, que está ligada ao diálogo entre os textos (a assimilação e transformação de um texto em outro); a interdiscursividade, que corresponde à incorporação de temas e figuras de um discurso noutra. Em seguida a intertextualidade é reformulada pelo mesmo linguista numa concepção mais ampla: isto é, qualquer relação dialógica, ou seja, qualquer referência ao outro, tomado como posição discursiva³⁹. Como já foi dito antes, a relação dialógica existe não apenas entre os discursos ou enunciados que os textos mantêm com todos os discursos ou enunciados passados, mas também com o leitor, que tem de reconhecer as referências. Neste sentido, a ironia, as citações, os lugares comuns, a paródia podem ser, então, todas formas de menção ou de retomada das palavras dos outros, de acordo com funções e intenções diferentes: atualizar ou dar um novo significado aos temas citados; reforçar ou discordar da citação dos textos originais; parodiá-los.

Sendo numerosos os estudos sobre a intertextualidade nos romances e nos contos de Machado, vamos apenas comentar alguns exemplos de citações e alusões, privilegiando as bíblicas, que contribuem para a construção do tom irónico da narração dos contos selecionados. De facto, como é sabido, notável é a presença da Bíblia nos romances e nos contos do autor – de acordo com Massa⁴⁰ a sua imensa biblioteca incluía também muitos textos religiosos, entre os quais se destaca uma tradução portuguesa da Bíblia feita por António Pereira de Figueiredo, publicada em 1866⁴¹ –, dando suporte à sua visão do mundo, de carácter desiludido e amargo.

No trecho seguinte do conto “O Espelho” Jacobina relata as várias reações diante da nomeação como alferes. Houve pessoas da família satisfeitas e felizes, outras invejosas e irritadas: “Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; *choro e ranger de dentes, como na Escritura*”⁴². A expressão “choro e ranger de dentes” figura seis vezes em Mateus

³⁷ Kristeva 1979, p. 68.

³⁸ Kristeva 1979, p. 70.

³⁹ Fiorin 2006, p. 165.

⁴⁰ Massa 1961, pp. 199 e 206-207.

⁴¹ A mesma edição foi utilizada na comparação dos trechos a seguir.

⁴² Assis 1994, p. 347.

(no episódio da recuperação do escravo do centurião de Cafarnaum, 8: 10-12) e com variantes em outros trechos: 13: 40-42; 22:11-13; 24: 51; 25: 30; uma vez em Lucas 13: 28 (onde é relatado o mesmo episódio de Mateus, sem a figura do centurião)⁴³. Entre as várias fontes mencionadas, vamos ver apenas a resposta de Jesus ao centurião em Mateus 8⁴⁴, após a qual o servo, antes paralítico, recupera imediatamente:

E respondendo o centurião, disse: Senhor, eu não sou digno de que entres na minha casa: porém manda-o só com a tua palavra, e o meu criado será salvo. Pois também eu sou homem sujeito a outro, que tenho soldados às minhas ordens, e digo a hum: Vai acolá, e elle vai: e a outro: Vem cá, e elle vem: e ao meu servo: Faze isto, e elle o faz. E Jesus ouvindo-o assim fallar, admirou-se, e disse para os que o seguião: Em verdade vos affirmo, que não achei tamanha fé em Israel. Digo-vos porém que virão muitos do Oriente, e do Occidente, e que se sentarão á meza com Abrahão, e Isaac, e Jacob no Reino dos ceos: mas que os filhos do reino serão lançados nas trévas exteriores: *alli haverá choro, e ranger de dentes*⁴⁵.

Através desta expressão Jesus condena os malignos a um destino atroz, representado por um lugar de trevas e caracterizado pelo choro (o remorso por ter perdido o sumo bem) e por ranger de dentes (a persistência de uma dor lancinante). Também nesse trecho do conto machadiano a fonte bíblica é mencionada e acompanhada por um indício: “como na Escritura”. Mais uma vez, a advertência final da cena bíblica é retirada do contexto e empregada numa peripetiva irônica, pretendendo o narrador protagonista do conto machadiano banalizar e ridicularizar as pessoas invejosas ao seu redor.

No conto “O Enfermeiro”, após o assassinato do coronel, Procópio, mesmo atormentado pelas alucinações, consegue voltar ao quarto e rever o cadáver: “Fui até a cama; vi o cadáver, com os olhos arregalados e a boca aberta, como deixando passar a eterna palavra dos séculos: “Caim, que fizeste de teu irmão”? Vi no pescoço o sinal das minhas unhas; abotoei alto a camisa

⁴³ Para as referências das fontes foram consultadas também as anotações dos contos da edição eletrônica disponíveis em <<http://machadodeassis.net>> (acesso em setembro de 2023).

⁴⁴ O servo está em casa, paralítico e sofredor, portanto o centurião pede ajuda a Jesus, esclarecendo que não quer recebê-lo na sua habitação, sendo um homem sujeito à autocracia e com soldados sob o seu comando. Por isso, para a cura do servo, pede apenas uma palavra e Jesus, que admira o comportamento dele, cura o servo apenas através do poder da sua fala.

⁴⁵ S. Mattheus VIII: 8-12, in Pereira de Figueiredo 1866, p. 938.

e cheguei ao queixo a ponta do lençol. Em seguida, chamei um escravo, disse-lhe que o coronel amanhecera morto; mandei recado ao vigário e ao médico”⁴⁶. A alusão remete para Gênesis (4:10) quando Caim, invejoso porque Deus não tinha gostado tanto das suas ofertas assim como das do seu irmão Abel, acaba por matá-lo e Deus pergunta sobre Abel morto: “Caim porém disse a seu irmão Abel: Saíamos fóra. E quando ambos estavam no campo, investio Caim com seu irmão Abel, e matou-o. E o Senhor disse a Caim: *Onde está teu irmão Abel?* Ele respondeu: Não sei. Acaso sou eu o guarda de meu irmão?⁴⁷”. De novo a alusão bíblica, explicitada através da referência a “eterna palavra dos séculos”, é retomada com intenção irônica por Procópio que expressa o seu espanto diante da gravidade do ato cometido: ter matado um homem que o tinha recebido na intimidade da casa, como um membro da família, mas que na verdade o tratava como um escravo. De repente, todavia, tenta esconder as evidências da sua culpa, abotoando alto a camisa do falecido: trata-se da primeira fase do processo já mencionado de apagamento da culpa, através da manipulação do leitor.

Finalmente, o diálogo não se instaura apenas com os textos canônicos da tradição ocidental, mas estabelece-se também na própria produção machadiana, solicitando mais uma vez a atenção e a participação do leitor. Neste sentido, vamos avaliar brevemente um último exemplo, desta vez de citação intratextual. No conto “O Enfermeiro”, ao relatar os momentos que antecedem o assassinato do coronel, Procópio menciona a leitura dum romance de Charles-Victor Prévost, visconde de Arlincourt, escritor romântico. Comparando esse trecho com um outro retirado de “Missa do galo”, célebre conto machadiano (originalmente publicado em *A Semana*, em 12 de maio de 1894, depois lançado no livro *Páginas Recolhidas*, 1899), é possível entrever uma pequena rede de jogos intratextuais: os protagonistas declarando que estão quase dormindo (o motivo do sono favorecido pelas leituras, num caso por cansaço, num outro por interesse), o horário (onze horas), o perder-se na leitura e/ou no sono (em ambos os casos são velhos romances, traduções de autores franceses), a aparição súbita de uma personagem de maneira indireta, através de um som (os gritos e um pequeno rumor de passos), que provoca o retorno à realidade dos protagonistas:

⁴⁶ Assis 1994, p. 532.

⁴⁷ Genesis IV: 8-10, in Pereira de Figueiredo 1866, p. 4.

O Enfermeiro

Resmungou ainda muito tempo. Às onze horas passou pelo sono. Enquanto ele dormia, saquei um livro do bolso, *um velho romance de d'Arlincourt, traduzido*, que lá achei, e pus-me a lê-lo, no mesmo quarto, a pequena distância da cama; tinha de acordá-lo à meia-noite para lhe dar remédio. *Ou fosse de cansaço, ou de livro, antes de chegar ao fim da segunda página adormeci também. Acordei aos gritos do coronel, e levantei-me estremunhado*⁴⁸.

Missa do galo (Contos, Páginas Recolhidas, Nova Aguilar, 1994)

Tinha comigo *um romance, Os Três Mosqueteiros, velha tradução* creio do *Jornal do Comércio*. Sentei-me à mesa que havia no centro da sala, e à luz de um candeeiro de querosene, enquanto a casa dormia, trepei ainda uma vez ao cavalo magro de D'Artagnan e *fui-me às aventuras*. Dentro em pouco estava completamente ébrio de Dumas. *Os minutos voavam*, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso. Entretanto, *um pequeno rumor que ouvi dentro veio acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala de visitas à de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar à porta da sala o vulto da Conceição*⁴⁹.

Conclusão

Na observação dos “jogos metalinguísticos” nos dois contos machadianos, escolhidos pelo diálogo entre os temas (as questões identitárias e o processo de adaptação às leis da sociedade, entre as quais se destaca o cuidado extremo da aparência), foi privilegiada a ironia.

⁴⁸ Assis 1994, p. 531.

⁴⁹ Assis 1994, p. 606.

Dentro do vasto repertório destes “jogos” que enriquecem e dinamizam a língua literária do escritor, de facto, a ironia é um recurso fundamental que permite uma reflexão mais ampla: antes de mais porque se conota como um procedimento estruturante dos textos machadianos e uma estratégia interdiscursiva, manifestando-se em diferentes formas ligadas entre si. Finalmente, a ironia revela o interesse do autor na análise da condição humana e da sociedade da época, permitindo a participação ativa do leitor (de então e de hoje) neste processo lúdico e de conhecimento, cada vez mais atual.

Referências bibliográficas

- A Bíblia Sagrada* contendo o Velho e o Novo Testamento (1866), traduzida em português segundo a Vulgata Latina por Antonio Pereira de Figueiredo, Harrison, Londres
 <<https://archive.org/details/bibliasagradacon00figu/page/1004/mode/2up>> (acesso em setembro de 2023).
- Assis, M. de (1994), *Obra completa*, organizada por Afrânio Coutinho, Nova Aguilar, Rio de Janeiro.
- Bakhtin, M. (2003), *Estética da criação verbal*, Martins Fontes, São Paulo.
- Ferreira, A. B. de H. (1995), *Novo dicionário da língua portuguesa* – 2 ed. rev. e aumentada, Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- Fiorin, J. L. (2006), *Introdução ao pensamento de Bakhtin*, Ática, São Paulo, vol. 1.
- Guérios, R. F. M. (1973), *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 2 ed., Ave Maria, São Paulo.
- Gledson, J. (2011), *Prefácio. Papéis avulsos: um livro brasileiro?*, in Assis, M. de, *Papéis Avulsos*. Introdução de John Gledson; notas de Hélio Guimarães, Penguin Classic – Companhia das Letras, São Paulo, pp. 7-32.
- Houaiss, A. et alii (2001), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Obietiva, Rio de Janeiro.
- Kristeva, J. (1974), *A palavra, o diálogo e o romance*, in Eadem, *Semiótica do romance*, Arcádia, Lisboa, pp. 69-99.
- Kristeva, J. (1979), *Introdução à semiótica*, Perspectiva, São Paulo.
- Massa, J.-M. (1961), *La bibliothèque de Machado de Assis*, em “Revista do livro”, n.º 21-22, março-junho, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, pp. 195-238.
- Pirandello, L. (2001), *L’umorismo*, Garzanti, Milano.
- Reale, M. (1982), *A filosofia na obra de Machado de Assis*, Pioneira, Rio de Janeiro.
- Salomão, S. N. (2012), *A ironia como interdiscursividade em Machado de Assis: As memórias póstumas de Brás Cubas* em Eadem, *Da palavra ao texto: estudos de linguística, filologia e literatura*, Sette Città, Viterbo.

- (2019), "Os jogos metalinguísticos: a língua literária de Machado de Assis", in Eadem, *Machado de Assis e o cânone ocidental: itinerários de leitora* [2016], EDUERJ, Rio de Janeiro, pp. 183-215.
- Senna, M. de, Souza, K. N. de (2012), *Nota da edição eletrônica de Papéis Avulsos*, <http://machadodeassis.net> (acesso em setembro de 2023).

CONSIGLIO SCIENTIFICO-EDITORIALE
SAPIENZA UNIVERSITÀ EDITRICE

Presidente

AUGUSTO ROCA DE AMICIS

Membri

MARCELLO ARCA

ORAZIO CARPENZANO

MARIANNA FERRARA

CRISTINA LIMATOLA

ENRICO ROGORA

FRANCESCO SAITTO

COMITATO SCIENTIFICO
SERIE STUDI LATINOAMERICANI

Responsabile

STEFANO TEDESCHI (Roma, Sapienza)

Membri

CHIARA BOLOGNESE (Roma, Sapienza)

SONIA NETTO SALOMAO (Roma, Sapienza)

ALESSANDRA CIATTINI (Roma, Sapienza)

SERGIO BOTTA (Roma, Sapienza)

LUCIANO VASAPOLLO (Roma, Sapienza)

Opera sottoposta a peer review. Il Consiglio scientifico-editoriale, anche attraverso i comitati scientifici di serie, assicura una valutazione trasparente e indipendente delle opere sottoponendole in forma anonima a due valutatori ignoti agli autori e ai curatori. Per ulteriori dettagli si rinvia al sito: www.editricesapienza.it

This work has been subjected to a peer review. The Scientific-editorial Board, also through the scientific committees of series, ensures a transparent and independent evaluation of the works by subjecting them anonymously to two reviewers, unknown to the authors and editors. For further details please visit the website: www.editricesapienza.it

COLLANA STUDI E RICERCHE

Per informazioni sui volumi precedenti della collana, consultare il sito:
www.editricesapienza.it | *For information on the previous volumes included
in the series, please visit the following website: www.editricesapienza.it*

143. The COVID-19 Pandemic in Asia and Africa
Societal Implications, Narratives on Media, Political Issues
edited by Giorgio Milanetti, Marina Miranda, Marina Morbiducci
Volume II – Society and Institutions
144. La Bukowina e la “letteratura etnografica” di lingua tedesca
Giulia Fanetti
145. Stability and flexibility in Labour Law reforms. Europe and Latin America
edited by Stefano Bellomo, Domenico Mezzacapo, Fabrizio Ferraro
146. Tutto taglia
Antologia di poetesse maya contemporanee
a cura di Aida Toledo Arévalo
147. La parola contesa
Narrativa centroamericana contemporanea
a cura di Stefano Tedeschi
148. Il tedesco tra lingua difficile e “lingua facile”
Prospettive sulla Leichte Sprache
a cura di Claudio Di Meola, Daniela Puato, Ciro Porcaro
149. Tullio Massotti
L’itinerario politico di un sindacalista rivoluzionario
Federico Goddi
150. Migranti e migrazioni
Opinioni, atteggiamenti e bisogni nella Comunità Montana dei Cimini
a cura di Carmelo Bruni
151. (Un)Veiling Sexual Identities
Plays, Characters and Language in 21st Century British Drama
Davide Passa
152. Lessico Leopardiano 2024
La paura
a cura di Fabio Camilletti e Giulia Scialanga
153. Entre los malos sueños y los espacios infinitos
Mayerín Bello
154. Machado de Assis
A complexidade de um clássico
organizado por Sonia Netto Salomão



Este volume é formado por trinta e dois trabalhos reelaborados e previamente apresentados no Seminário Internacional *Machado de Assis, a complexidade de um clássico*, realizado na Sapienza Universidade de Roma, em 2023. Nele estão presentes não só os principais especialistas machadianos, como também jovens estudiosos de vinte e cinco universidades brasileiras, americanas e europeias.

Machado de Assis, o mais importante escritor brasileiro, coloca-se na segunda metade do século XIX. Moderno *avant la lettre*, cético quanto ao cientificismo da moda, com uma veia irônica e borgiana, é muito apreciado no universo anglo-saxônico, com estudos de Susan Sontag e John Updike, entre outros, e, no mundo hispano-americano, com ensaios importantes como o de Carlos Fuentes.

O volume tem o objetivo principal de contribuir para a internacionalização do autor, preenchendo uma lacuna crítica na Itália. Dirige-se a um público universitário especializado, mas igualmente aos interessados na América Latina, na Literatura Comparada e nos Estudos Linguísticos e Literários em geral. Além disso, busca valorizar a complexidade dos aspectos técnico-estruturais da obra machadiana, a sua capacidade de ser um histórico das mentalidades, a abertura crítica aos temas identitários, da escravidão às questões feministas.

Sonia Netto Salomão é professora catedrática aposentada de Língua, linguística e tradução portuguesa e brasileira na Sapienza. Estudiosa de Antônio Vieira, do qual publicou os sermões italianos inéditos, trabalhou muito também sobre o Modernismo e o pós-Modernismo brasileiro. Além das publicações de teoria e crítica da tradução, de linguística aplicada e história da língua, dedicou ao século XIX de Machado de Assis e Eça de Queirós os volumes: *Machado de Assis, dal Morro do Livramento alla Città delle Lettere* (Viterbo [2007], 2024³) e *Machado de Assis e il canone occidentale: poetica, contesto, fortuna* (Carocci, 2023) premiado na Itália e, no Brasil, com o prestigioso Prêmio Jabuti em Crítica e Teoria Literária.

ISBN 978-88-9377-350-8



9 788893 773508

